

# **O NORMAL E O PATOLÓGICO: RELAÇÕES DE PODER EM MICHEL FOUCAULT**

## ***THE NORMAL AND THE PATHOLOGIC: RELATIONS OF POWER IN MICHEL FOUCAULT***

Alaíde Beatriz Cabral Nunes\*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Maria Veralúcia Pessoa Porto\*\*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

**RESUMO:** O presente trabalho propõe analisar, a obra base “A História da Loucura na Idade Clássica” do filósofo Michel Foucault, observando a maneira em que a loucura foi conceituada e tratada ao longo do período Clássico para compreender - por meio de uma dimensão histórica e filosófica - as formas em que se constituíram as relações de poder e silenciamento da loucura além da atualidade de sua problematização na sociedade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Loucura, Silenciamento, Poder

**ABSTRACT:** The present work proposes to analyze, the basic work “The History of Madness in the Classical Age” by the philosopher Michel Foucault, observing the way in which madness was conceptualized and treated throughout the Classical period to understand - through a historical and philosophical dimension - the ways in which the power relations and the silencing of madness were constituted, in addition to the current relevance of their problematization in contemporary society.

**KEYWORDS:** aesthetic experience, life, art Madness, Silencing, Power

### **1. INTRODUÇÃO**

O objeto principal da nossa pesquisa será a questão da loucura, a análise de sua história, a maneira na qual foi conceituada e adjetivada pela sociedade e quem, através dos registros médicos, o internamento buscou enclausurar.

De acordo com Michel Foucault, "O saber não é feito para compreender, é feito para cortar" (Foucault, 1979, p. 28). Podemos perceber no decorrer de suas obras, uma inquietação,

---

\* Graduanda em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

\*\* Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

não somente em relação às concepções sobre a loucura, o poder e a sexualidade em si, mas, como estas concepções causaram em nosso mundo até hoje e onde isto se localiza no pensamento e nos corpos dos indivíduos. Era necessário para Foucault propor uma “*ortogênese*”, ou seja, o estudo minucioso das variações sociais presentes no decorrer da história, importante para traçar os perfis do silenciamento existentes na relação sociedade e loucura até o momento em que a ciência positiva surge no horizonte do internamento e abarca os “a-sociais” como de sua responsabilidade.

Isto porque a loucura, ignorada há séculos, foi ganhando feições e gestos na era clássica como simples desordem social, nocividade e perigo ao Estado e, assim, sendo atribuído ao internamento o papel de docilizar e reorganizar os indivíduos em uma unicidade de pensamento.

Nosso filósofo se utilizou de dois campos de pesquisa, a arqueologia e a genealogia para nortear seus estudos filosóficos e explorar, no mundo dos artefatos, o que se deixa ultrapassar aos nossos olhos e que acabamos por não questionar em nossos discursos. Nesse contexto, conforme Foucault, é necessário fazer uma “história crítica da verdade”, reconhecendo que a História não se trata apenas de meros fatos que se sucedem, mas, através de sua análise podemos pontuar dispositivos que transmitem as formas que se deram as relações que nos permeiam e como essas interpretações sobre o indivíduo foram criadas e moldadas.

Deste modo, têm em Michel Foucault a necessidade de analisar as entrelinhas dos discursos, marcar os acontecimentos e as mudanças históricas, para que as curvas e as transformações possam ser visualizadas de maneira mais detalhada e crítica. O poder, como ele irá mostrar, é o mote que suscita a curva e empurra as relações sociais em um misto de *verdades terminais*; estas *técnicas de poder* se estabelecem para calcificar saberes, práticas e instituições.

Podemos compreender que Foucault percebe alicerces muito bem dispostos que produzem nossos corpos, nossos gostos; um poder positivo, no sentido de afirmar, de fazer acontecer as percepções que temos acerca do mundo e não apenas dizer não. Permeando as relações sociais, induzindo práticas e formando discursos é assim, que ele percebe as engrenagens do poder.

### 1.1 Razão e Desrazão

Michel Foucault foi muito criticado na época do escrito *História da loucura na Idade Clássica*, pois, à época, não se entendia que na loucura poderia haver uma história. Ao contrário, o que se encontrava nas definições morais, médicas e jurídicas era a de um certo saber sob este objeto, saber este impregnado na natureza humana do indivíduo, ou seja, simplesmente fruto da sua estrutura biológica, cristalizada em uma definição patológica. Em entrevista para o jornal “*Les Lettres Françaises*” Michel Foucault, menciona:

Assim, para que no final do século XVII se abrissem os grandes centros de internação em toda a Europa, foi preciso um certo saber da loucura oposta à não loucura, um saber da ordem e da desordem, e eu quis interrogar esse saber como

condição de possibilidade dos conhecimentos, das instituições e das práticas.  
(FOUCAULT, 2012, p.138-139).

Mediante o solo infértil da Psiquiatria já estabelecida como dogma e de um intenso programa de medicalização estava a loucura sob a qual Foucault lançou suas principais problemáticas, buscando através de um olhar ao passado o estudo e reflexão minuciosos da relação controversa entre razão e desrazão. Nomeamos de relação controversa, pois, como ele irá mostrar, a loucura estará sujeita à uma força que diz não e, ao mesmo tempo, afirma e produz saberes em que apesar de suas descontinuidades históricas, mantém-se enraizados em um único papel: buscar suprimi-la, dominá-la, curar seus excessos.

Nos períodos históricos que correspondem à Idade Média e o Renascimento, sua existência será narrada de modo dividido, onde a performance se fragmenta, afirmando um certo caminho que se alastra e promove curvas em contato com a cultura e com certas "verdades". Na Idade Média até parte do Renascimento, o louco se encontrava como figura do cotidiano da cidade; dentro da sua própria linguagem estava conectado ao mundo e tinha o papel de trazer para o consciente discursos que grande parte da sociedade hesitava em expressar. O desatino era interpretado por uma ação, discurso que aproximava o ser humano de sua mortalidade; significava um enfrentamento com a morte, uma realidade que todos buscavam se distanciar, mas, o desatinado, tinha o papel de retirar esse véu de ilusão.

A loucura era socialmente aceita por este papel que cumpria dentro da sociedade da época, papel específico que irá refletir nas artes, na literatura e no teatro. Miguel de Cervantes é um exemplo de escritor que traduziu a maneira pela qual a loucura era interpretada pela Renascença.<sup>1</sup> Mesmo não se atrevendo a mencionar qual era a falta diante da razão, ainda assim a dita loucura será aprisionada nos antigos leprosários junto aos doentes venéreos, tomando para si a nova face da peste, da blasfêmia, do pecado e por fim, da doença. Foucault, no prefácio da História da Loucura na Idade Clássica, faz uma comparação interessante quando pontua a semelhança do discurso que a Igreja mantinha acerca dos leprosos com a maneira que os considerados loucos serão tratados:

Se se retiraram os leprosos do mundo e da comunidade visível da Igreja, sua existência, no entanto é sempre uma manifestação de Deus, uma vez que, no conjunto, ela indica sua cólera e marca sua bondade [...] O pecador que abandona o leproso à sua porta está, com esse gesto, abrindo-lhe as portas da salvação. O abandono é, para ele, a salvação; sua exclusão oferece-lhe uma outra forma de

---

<sup>1</sup> O escrito "Dom Quixote de La Mancha", de Miguel de Cervantes, conta a história de um personagem que "perde o juízo" após ler muitos romances de cavalaria passando a viver em um mundo onde sua realidade e a fantasia dos livros se confundem. Dom Quixote tem a loucura, sua linguagem e performance, nunca aceita e muito menos livre da interpretação e olhares julgadores, se encontrava na Idade Média romantizada, banhada em um limbo ilusório e misterioso.

comunhão. (FOUCAULT, 1978, p. 6).

O louco era errante em seu próprio lugar de origem, abandonado, aquele representado em vastos horizontes em que se movimentava sem alcançar um ponto de chegada. Ainda que não acorrentado pelo internamento, porém, era permitido a este apenas o direito da eterna partida; sua vida era destinada a permanecer dentro de uma prisão em si mesmo. As naus, as estradas, representavam os caminhos abertos e livres dentro do próprio signo da loucura até o final do século XVI causar a primeira ruptura e, impor a essa figura dada a liberdade, o lado do internamento.

A Era Clássica é responsável por colocar um saber em detrimento do outro, como máxima e discurso de coação; a loucura perde seu poder de enunciar verdades, reflexões e passa a ser caracterizada dentro do solo limitante do enclausurado, calcificado. Foucault percebe que o apelo da hegemonia da época estava em higienizar a cidade e a moral, colocando assim o internamento como o mecanismo perfeito para separar a razão da desrazão. Esse método de exclusão leva consigo o importante papel de transferir para a definição de loucura os considerados desordenados e incapazes de obedecer a um controle social estabelecido.

A miséria é condenada - diferenciando-se da miséria que representava a graça ou a presença de Deus -, a libertinagem e tudo o que fugirá da moral da família também, se assemelhando cada vez mais a loucura através do internamento.

Num certo sentido, o internamento e todo o regime policial que o envolve servem para controlar uma certa ordem na estrutura familiar, que vale ao mesmo tempo como regra social e norma da razão. A família, com suas exigências, torna-se um dos critérios essenciais da razão; é ela, sobretudo, que pede e obtém o internamento. (FOUCAULT, 1978, p. 102).

É a partir do século XVII que as ideias de René Descartes<sup>2</sup> sobre o “*cogito, ergo sum*” serão cada vez mais aceitas e a sociedade clássica será submetida aos conceitos de homem moderno, criando-se as dicotomias entre aquilo que é “formal”, “ordenado” e o “desordenado”, “anormal”. A figura do louco, antes conhecida através de adjetivos ainda primitivos e naturais será realocada as interpretações que emergiam na época com o advento do Racionalismo e Iluminismo<sup>3</sup> na Filosofia. São transpostas às categorias do louco, aquele que não se adequa a norma e, portanto, não possui a faculdade do pensar; anteriormente vista ainda de forma abstrata. Para aquele que não se adequa a forma, passa, assim, a ser apreendida na realidade social designando o homossexual, o libertino, “a mulher devassa” e, todo o resto que não se

---

<sup>2</sup> “Penso, logo existo”. Para Descartes, o homem moderno é caracterizado por *res cogitans* (consciência) e *res extensa* (matéria) formando assim a oposição entre corpo e mente. A desordem mental é a anormalidade.

<sup>3</sup> O *Racionalismo* é uma corrente filosófica que enfatiza a faculdade mental como essencial para apreensão do conhecimento como verdade. Dessa transformação surge o *Iluminismo* como movimento na França defendendo também a ruptura com o poder eclesiástico.

enquadrava no modelo claro e objetivo da moral hegemônica da Época.

Tudo isso entrará para o rol dos signos maiores da Loucura, e ocupará seu lugar entre suas manifestações mais essenciais. Mas, a fim de que se constituíssem essas unidades significativas a nossos olhos, foi necessária essa transformação, realizada pelo classicismo, nas relações que a loucura mantém com todo o domínio da experiência ética. (FOUCAULT, 1978, p. 95).

Outro ponto chave que Foucault nos mostra é que os discursos que caracterizavam a loucura, tudo aquilo que era visto como desatino e que se manteve apreendido pela experiência social como desordem, encontrará um outro saber, um saber que através da medicina surgente impõe aos marginalizados o papel de doentes que necessitam ser curados, lobotomizados. O que se pode perceber é que a loucura nunca foi realmente estudada como se deveria, ou seja, longe de uma série de concepções determinadas sobre o ser humano, ao contrário, fora sempre colocada à margem, em um dado momento ignorada e em outro, colocada como sendo importante apenas para o enclausuramento.

O internamento - produto do poder que se afirma -, é normalizado cada vez mais pelo século XVIII, entretanto, aqueles que se mantêm enclausurados, tomam o lugar oposto da cidade, também o lugar do erro, ou seja, fora do convívio social. O corpo que era “tocado” por esta chaga passaria por um longo protocolo para fazer nascer o desconhecido em si, isso se dava por meio da constante vigília, dos transtornos e práticas que o internamento impôs aos considerados loucos como Foucault mostra:

Neste ato de misturar personagens distintos em uma mesma definição, será realizada de maneira efetiva o projeto que visa puni-los pelas faltas cometidas a razão. Reúnem-se quatro grupos entre os portões do internamento: os loucos, os devassos, os libertinos e os miseráveis. É dessa maneira que a sociedade burguesa da época acreditava em poder “higienizar” a cidade e, limpar da moral hegemônica os indesejados.

## **1.2 Entre os muros do internamento: a domesticação do “não-ser”**

Ao adentrar na estrutura que estabelece o internamento na paisagem habitual, há de se perceber a quantidade de tempo que este espaço nos ronda, sorratamente, mas, existindo quando era preciso estabelecer a ordem. À vista disso, o internamento será cada vez mais efetivado, compondo um projeto de civilidade e relegando a esse o personagem que compõe a doença. Os devassos, os miseráveis, alquimistas, homossexuais, doentes venéreos; uma gama de diversidade suprimida na existência quadrada que os manicômios exigiam. Figuras diferentes, mas, que acabavam confinadas em um mesmo espaço coercitivo onde, além de buscar a punição, transformava os rostos à sua maneira. De acordo com o autor:

Estranha superfície, a que comporta as medidas de internamento. Doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos: toda uma população matizada se vê repentinamente, na segunda

metade do século XVII, rejeitada para além de uma linha de divisão, e reclusa em asilos que se tornarão, em um ou dois séculos, os campos fechados da Loucura. (FOUCAULT, 1978, p. 116).

O internamento compõe o espaço em que esses personagens dados ao erro eram amontoados e coagidos a seguirem uma moral predeterminada. Sua origem passa despercebida até o final do século XVII, quando será apreendida pelo saber médico como método científico principal para a “cura”. Há um projeto na Renascença que tem por finalidade trazer à figura do louco uma animalidade e, isto se dará através da maneira pela qual estas pessoas serão tratadas sob a ótica do internamento. Era necessário mostrar que existia dentro de cada figura enclausurada uma falta de humanidade, de civilidade e propor um tratamento que cure essa desordem na alma e no corpo. Portanto, flagelava-se o corpo para curá-lo, uma contradição que somente nesta época ambígua em relação a forma que a loucura era mencionada e tratada, teria sido capaz de desenvolver.

Será somente no final do século XVIII, com a revolução de Phillipe Pinel, pai da psiquiatria, serão expostas as práticas abusivas que o internamento impôs aos considerados loucos. Phillipe Pinel<sup>4</sup> foi responsável por trazer a questão da loucura para o ambiente médico e buscar um tratamento humanista para as pessoas que o século anterior haviam enclausurado em massa. É neste momento da história que acontece o Primeiro Congresso Mundial de Psiquiatria em Paris (1950). Porém, segundo Foucault:

O que não significa que a loucura recebeu finalmente seu estatuto humano ou que a evolução da patologia mental sai pela primeira vez de sua pré-história bárbara, mas sim que o homem modificou seu relacionamento originário com a loucura e não a percebe mais a não ser enquanto refletida na superfície do mesmo, no acidente humano da doença. (FOUCAULT, 1978, p. 144).

Nesse caso, mudam-se apenas as caras: do internamento ao hospital psiquiátrico. A separação entre o "homem moderno" e o “anormal” acontece na medida em que antes de um saber racional, o considerado louco era posto como o enganado, aquele que se enganava e era designado aos internamentos como forma de banir e suscitar o desconhecido nestas pessoas. Portanto, para Foucault, este poder que a sociedade manteve em banir o considerado diferente, foi necessário para constituir este saber positivo que posteriormente se apropriou da experiência da loucura e a manteve facetada de representações.

O universo inteiro da loucura passa do total encarceramento em massa para uma outra visão, que não se diferencia da anterior, porém, exige à experiência da loucura o título de

---

<sup>4</sup> Philipe Pinel (1745-1826) foi um Psiquiatra responsável pela primeira revolução na Psiquiatria. Considerado o Pai da Psiquiatria, expôs em seu principal escrito, “Tratado médico-filosófico sobre insanidade ou mania”, a condição precária dos internamentos no século XVII.

doença mental. Não se perguntou o que era a loucura para àqueles que a sociedade marcou, apenas deslocaram sua figura para um título próprio do saber científico, mas que, no final das contas, recebia o mesmo papel que o século anterior havia colocado, o do silêncio e da renúncia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muda-se a maneira pela qual a loucura será percebida pelo homem moderno, o homem da ciência – o desatino, esta percepção sob uma loucura que não passa de escolha entre o humano e o inumano. É este significado que ultrapassa os abusos e práticas contraditórias do internamento e que decide ver neste, o lado disforme e contrário à razão polida que ainda buscamos.

A Psiquiatria passará por três revoluções na sua forma de tratamento aos doentes mentais. Apesar disso, o intuito nunca foi desencadear um processo contrário ao que havia sido feito pelo internamento até o final do século XVIII, pois, o próprio saber médico que estava surgindo não deixou de constituir relação com a moral. Da primeira revolução até a atual, não se nota uma forma alternativa de se lidar com a loucura, mas sim, a busca pelas terapias que apaguem qualquer tipo de discurso e comportamento que se mantém como próprio daquelas pessoas. Coagidos e castigados se hesitam em cooperar com o tratamento que é realizado, os pacientes dos manicômios vivem ainda um estado de completa correição. Nesse contexto, é visto que a principal revolução que a Psiquiatria promove é trazer para a luz às práticas do internamento, transportar a loucura da natureza humana para a condição humana, mas, no intuito de mostrar sua “chaga” e, por isto, seu estado vulnerável.

Em um giro de descontinuidades e rupturas históricas que Michel Foucault analisa, percebe-se como a problemática acerca dos hospitais gerais e do tratamento imposto aos internos está bastante atual em uma realidade onde, a Psiquiatria como ciência está a todo momento buscando a criação de novos métodos terapêuticos, ganhando o suporte e aceitação necessários, cada vez mais espaço na “Medicina Social” e no conceito máximo de verdade. Um produto disso na época em que Michel Foucault compõe sua obra, o século XIX, será a intensa promoção a medicalização em massa, sua indústria e comércio.

Foucault não finaliza sua história da loucura. Primeiro porque não era do seu intuito falar pela loucura, mas sim marcar os fatos ou descontinuidades históricas; segundo porque além de perceber estas descontinuidades, ele visualiza o movimento que ocorre nos discursos e, que mostra, por exemplo, o caráter atual da problemática. Terceiro, as descontinuidades presentes na História serão importantes para o autor evidenciar sua tese acerca das relações de poder que nos envolvem e que não sinalizamos em nosso discurso, mas, que existem em cada ação que executamos moldando nossa vida e docilizando nossos corpos. Este é o universo que o autor vai escavando, retirando de onde a loucura se encontra aceita para fazer a crítica e

buscando promover aos pesquisadores e pesquisadoras da Filosofia, não um método, mas sim, uma experiência intelectual que ultrapasse os limites impostos pela tradição no pensamento e se reitere da dúvida, da crítica e da análise como velhas amigas da Filosofia.

## **REFERÊNCIAS**

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25º Ed., organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado, São Paulo: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.